

VIDA MUSICAL

O GRUPO DOS QUATRO

Todos os nossos entrevistados se tem referido mais ou menos directamente aos jovens compositores portugueses, olhando-os como esperança de redenção.

Rui Coelho fê-lo duma maneira indeterminada e vaga. Esperava-os como Portugal espera aquela manhã de nevoeiro em que há-de chegar D. Sebastião... Francisco de Lacerda também já ouvira falar neles. Mas Pedro de Freitas Branco foi mais preciso, apontou-nos o nome de alguns com quem num futuro próximo podíamos contar. Outras pessoas em destaque no meio musical me tem falado de quatro rapazes alunos do Conservatório de Lisboa.

Por tudo isto pensamos que entre os nomes já consagrados e aplaudidos ficava bem os destes quatro rapazes: — Fernando Graça, Jorge Croner de Vasconcelos, Armando Fernandes e Pedro Prado.

FALA À ILUSTRAÇÃO E AFIRMA VERDADES AMARGAS...

Propusemos-lhe uma entrevista. Ficaram embaraçados. Que haviam eles de nos dizer? E justificaram-se:

— É tão difícil dizer coisas com interesse e não parecer pretencioso, quando ainda se não tem uma obra que as justifique e valorise!

— Porquê? Se os senhores confiam em si

basta-lhes essa confiança para desprezarem um ou outro comentário menos agradável. Na gente nova a audácia é uma virtude...

Entreolharam-se convencidos, e foi com mocidade e alegria que nos deram a entrevista que lhes propuseramos.

Pedro Prado é obstinado e tímido. As suas respostas pensou-as, ordenou-as, deu-lhes a forma mais sóbria e mais clara. Sente-se neste rapaz uma vida interior secreta e profunda. Tem um temperamento de místico.

Jorge Croner de Vasconcelos é vibrátil, fino, com um grande sentido do equilíbrio e da harmonia. Talvez o mais requintado e o mais artista.

Fernando Graça — tumultuoso e impulsivo, dum grande orgulho e duma ambição sem limites. Parece-nos o menos lírico e o mais intelectual dos quatro. Ainda em procura de formas novas, de exotismos sensacionais.



DE ESQUERDA PARA A DIREITA — Américo Durão, Jorge Croner de Vasconcelos, Pedro Prado, Armando Fernandes e Fernando Graça

Armando Fernandes — Sereno, calmo, sóbrio, — um profundo sentido harmonioso, rico de magníficos dotes de compositor e de pianista. Cremos bem que não será o último dos quatro.

E agora que já os vêem como eu os vejo, comecemos.

PRADO — Sim, efectivamente nós formamos um grupo unido sobretudo pelos laços da camaradagem e da amizade.

GRAÇA — Cada um de nós mantém a sua independência artística e segue uma orientação completamente distinta da orientação dos outros...

EU — Por exemplo?...

FERNANDES — Há no entanto coisas sobre que estamos absolutamente de acordo...

JORGE — Na opinião que temos da crítica. Na diferença que existe entre o que é e aquilo que deveria ser.

— Assim...?

FERNANDES — Quanto a nós a crítica devia ser o nosso principal elemento de orientação, e afinal...

— Afinal?

GRAÇA — É duma inconsciência e dum acasismo que francamente nos entristece.

PRADO — Note que não é o despeito que assim nos obriga a falar. Comnoso não tem sido inteligente, mas tem sido amável.

— Toda a crítica? Não se salva ninguém?

JORGE — Francine Benoit é, talvez, a única pessoa que diz coisas acertadas e interessantes.

FERNANDES — Luís de Freitas Branco e Adriano Maia, se quisessem, seriam dois verdadeiros críticos. (Há um aplauso unânime para estas palavras. Falam quasi todos ao mesmo tempo no desejo de que os seus pontos de vista não sejam mal interpretados).

— São os senhores contra ou a favor do nacionalismo na música?

GRAÇA — Nem contra nem a favor. Mas o que para aí se pede e se está fazendo é um nacionalismo de candeia...

PRADO — Julgamos indispensável frisar que esse nacionalismo é um lamentável lugar comum, de que se está abusando duma maneira irritante. O verdadeiro nacionalismo realiza-se pelo sub-consciente e nunca como um propósito à outrance.

JORGE — O nacionalismo que para aí se reclama consiste em substituir a nossa inspiração pelo que já ouvimos, e não merece a pena fazer-se porque já está feito.

FERNANDES — É de certo modo um plágio, agravado ainda com o facto de não ser um plágio de coisas superiores.

PRADO — A música nunca é feita pelo povo na sua expressão anónima. O nome do autor perde-se, muitas vezes mas nem por isso ele deixou de existir individualmente.

GRAÇA — Nacionalistas ou não, o que é preciso é ter talento. Todos os grandes artistas foram nacionalistas, visto que obedeceram às influências ráticas. Até na literatura... Vêjo por exemplo Racine e Shakespeare na poesia dramática. E na música, Wagner e Beethoven...

PRADO — Cada um de nós interpretando a sua maneira de ser reflecte necessariamente a sua raça, o ambiente e a paisagem...

FERNANDES — A moda do nacionalismo há-de passar: pena é que já tenha durado tanto, porque deu lugar a muita coisa medíocre.

JORGE — Em Espanha, Manuel de Falla já está fugindo ao nacionalismo.

FERNANDES — Devemos também fugir à originalidade fictícia, que só nos choca ao primeiro aspecto, para logo depois nos parecer banal. Disse Óscar Wilde que quando se é excessivamente moderno corre-se o perigo de em breve ser excessivamente antiquado...

GRAÇA — Apenas passe as fronteiras do nosso nacionalismo «de candeia», já não interessa a ninguém. Isso não sucede apenas na música, mas em qualquer outra manifestação de arte.

PREGUNTA — E do fado? Que pensam dizer do fado?

GRAÇA — Todo o mal possível...

FERNANDES — Não sei porque lhe chamam a canção nacional... Felizmente essa toada não é nem nunca foi portuguesa.

— De onde é, então?

JORGE — Deve ter vindo de Marrocos...

PRADO — Ainda que o fado fôsse português urgia acabar com êle. É dissolvente e é reles.

PREGUNTA — Já que se mostram tão individualistas, vai cada um dos senhores dizer-me qual dos músicos modernos merece a sua preferência?...

JORGE — Ravel é uma das minhas preferências. Conseguiu superar Debussy, seu precursor.

FERNANDES — Sim, sem dúvida, Ravel!

GRAÇA — Honegger interessa-me extraordinariamente, porque é sempre e antes de tudo, músico.

JORGE — De Foch interessou-me imenso um quarteto de cordas que ouvi na Sociedade de Concertos.

— E dos compositores portugueses, qual preferem?

PRADO — Luís de Freitas Branco é indiscutivelmente o maior.

— No entanto, fala-se pouco nele...

FERNANDES — Hão de acabar por fazer-lhe justiça.

GRAÇA — É o único com interesse internacional.

— Mas... e Rúi Coelho?

GRAÇA — Teve interesse como compositor popular.

— Apenas?!

JORGE (com o aplauso de todos). — Apenas.

PREGUNTA — Quais as fontes onde procuraram robustecer a sua individualidade?

FERNANDES — Confesso-lhe que me é difícil responder. César Frank, Brahms, Schuman, Listz, interessam-me muito...

GRAÇA (o mais audacioso e exótico) — No classicismo, Beethoven parece-me ter realizado o equilíbrio entre a essência e a forma.

PRADO — O ideal, para mim, está talvez entre as duas grandes correntes seguidas em França: César Frank e Debussy, que se continua com Ravel.

JORGE — Eu procuro ser tão pessoal quanto possível e reagir contra a escola a que pretensiosamente se chamou a escola do futuro, isto é, de Listz e Wagner.

— Porquê?

JORGE — Porque êstes a levaram à sua última expressão.

— Recordo-me duma conferência de Luís de Freitas Branco em que o Graça era apontado como um revolucionário...

GRAÇA — Uma coisa não impede a outra. Classicismo não quer dizer academismo.

— O classicismo procura a forma mais pura.

GRAÇA — Isto é, a melhor forma para cada essência.

PRADO — A uma ideia diferente corresponde uma realização diferente. Se ser clássico fôsse o que muita gente imagina, cairíamos num círculo vicioso e nada de novo se criaria.

FERNANDES — Ora o classicismo deixa-nos a máxima liberdade, e o mais largo horizonte diante de nós.

— Na grande ânsia de verdade absoluta que a humanidade hoje sente, os mais modernos e os mais novos encontraram no classicismo a melhor expressão para a sua ansiedade.

PREGUNTA — Que desejariam realizar?

PRADO — Ponhamos assim o problema: Devemos ou não subordinarmo-nos à nossa época? Dar-lhe o que ela nos pede ou o que nós julgamos dever dar-lhe? No primeiro caso corremos o risco de nos perdermos a nós mesmos, embora o êxito nos sorria; no segundo caso dar-lhe-hemos o que pensamos dever dar-lhe, — o melhor de nós mesmos; embora o triunfo, muitas vezes, chegue demasiado tarde...

— De entre os músicos qual teve o destino mais apetecido por si?

PRADO — César Frank.

— Porquê?

PRADO — Pela seriedade e profundidade da sua obra.

— E o Fernandes, que desejaria fazer?

FERNANDES — Ocupar-me exclusivamente de música pura.

— Entre as suas coisas, qual prefere?

FERNANDES — Não sei, com franqueza. Eu não gosto de nada que tenho realizado até aqui. Rey Colaço entusiasmou-me muito para que compusesse uma sonata para piano. Conhece-a... Trabalho agora numa sonata para violino.

— E o Graça, qual é a sua ambição?

GRAÇA — Vincar em formas musicais o que a alma humana tem de profundo e eterno. E o próprio drama do cosmos; embora isto se lhe afigure pretencioso.

— Jorge...

JORGE — Detesto a música com argumento... Não pretendo que a minha música tenha qualquer intuito directamente social. Quero-a por ela mesma.

— ??...

JORGE — A obra que mais me interessa e mais desejaria ter realizado? É a de Bach.

— Das suas composições o que prefere?

JORGE — Tenho escrito tão pouco... Todas têm alguma coisa que me agrada e outras coisas que me desagradam.

GRAÇA — Eu tenho por todas um carinho bem natural, mas nenhuma me satisfaz.

PREGUNTA — Interessa-lhes a ópera?

PRADO — A ópera não me interessa. Quanto às minhas aspirações estão ainda muito indefinidas para que eu lhas possa precisar.

JORGE — Depois do que lhe tenho exposto é natural que seja a música teatral a que menos me chame.

FERNANDES — A música de teatro só me agrada no seu aspecto essencialmente lírico.

GRAÇA — A forma musical ópera não me apaixona, reconhecendo, no entanto, a boa música que há em muitas delas. Em compensação o drama musical já o vêjo com outros olhos. Não sei se será o lugar geométrico da fusão de tôdas as artes, como pretendia Wagner, mas, seja-o ou não, interessa-me extraordinariamente.

— Nesse caso pouco lhes importa que S. Carlos esteja ou não fechado...

TODOS A UM TEMPO — Não senhor, não senhor! Nenhuma expressão musical nos deixa indiferentes, mas preferimos indiscutivelmente os concertos sinfónicos...

— Ah, bem... E a propósito de concertos sinfónicos, o que pensam?

GRAÇA (respondendo em nome de todos) — O meio é ingrato e o pouco que até agora se tem feito revela uma vontade e um esforço mercedores de gratidão. O actual director da orquestra do Tivoli tem direito ao nosso agradecimento carinhoso, pelas coisas novas que nos tem revelado.

UMA ÚLTIMA PREGUNTA — Aham que S. Carlos deve reabrir como teatro de ópera?

TODOS — S. Carlos não deve ser apenas o teatro da ópera, mas sim o Palácio da Música.